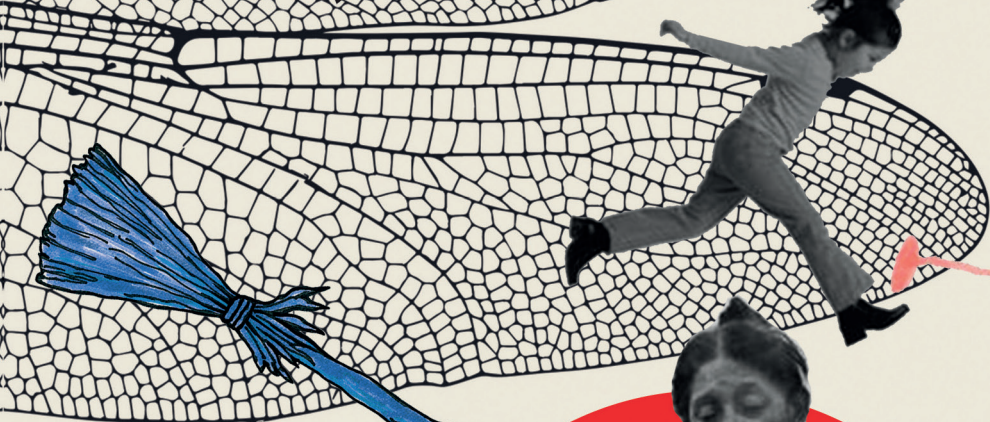


# A MULHER MALABARISTA: MANUTENÇÃO DA VIDA E ECONOMIA DO CUIDADO





# O QUE É A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO?

O **trabalho livre** leva séculos sendo pensado, desde vários pontos de vista. Para a Economia, ele pode ser dividido entre **trabalho remunerado e não remunerado**.

O trabalho remunerado tem enorme importância para os economistas, ao passo que o trabalho não remunerado não recebe o mesmo reconhecimento teórico e social, mesmo sendo **ele quem sustenta, tanto a sociedade quanto a própria economia**. Vamos entender o porquê.

**Em primeiro lugar, vamos pensar o conceito de divisão sexual do trabalho**, que se refere à atribuição de tarefas ou responsabilidades diferentes para mulheres ou homens.

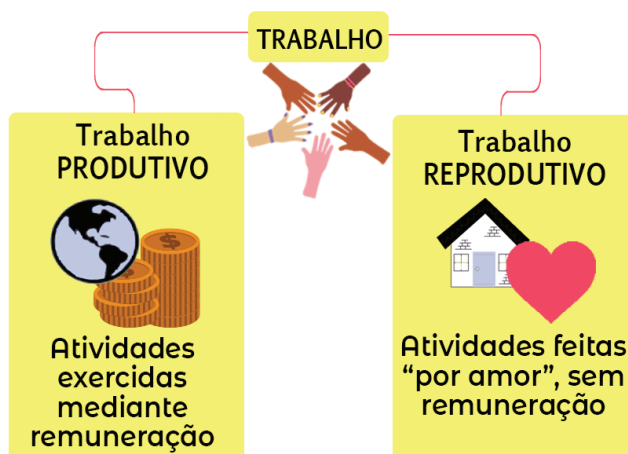
*Procure na memória: na escola, você teve mais professores ou professoras? E motoristas de caminhão, você conhece mais homens ou mulheres? No hospital, há mais enfermeiros ou enfermeiras?*



Ainda que não exista uma lei que proíba os homens de serem professores no jardim de infância, por exemplo, existem **normas sociais**, regras não ditas, padrões de comportamento que fazem com que todo

mundo ache que algumas profissões são “femininas” e outras “masculinas”. Essas normas mudam com o tempo e de país para país e não se aplicam a todas as profissões. Algumas profissões são consideradas “unissex” pelo senso comum, como o jornalismo.

No contexto do capitalismo, **os homens**, especialmente os brancos, tradicionalmente estiveram destinados à produção de bens e serviços com valor econômico e, assim, ocuparam as posições públicas e de maior valor social: no comércio, indústria, empreendimentos e política, com salários melhores e mais valorizados na hierarquia social, no chamado **trabalho produtivo**.

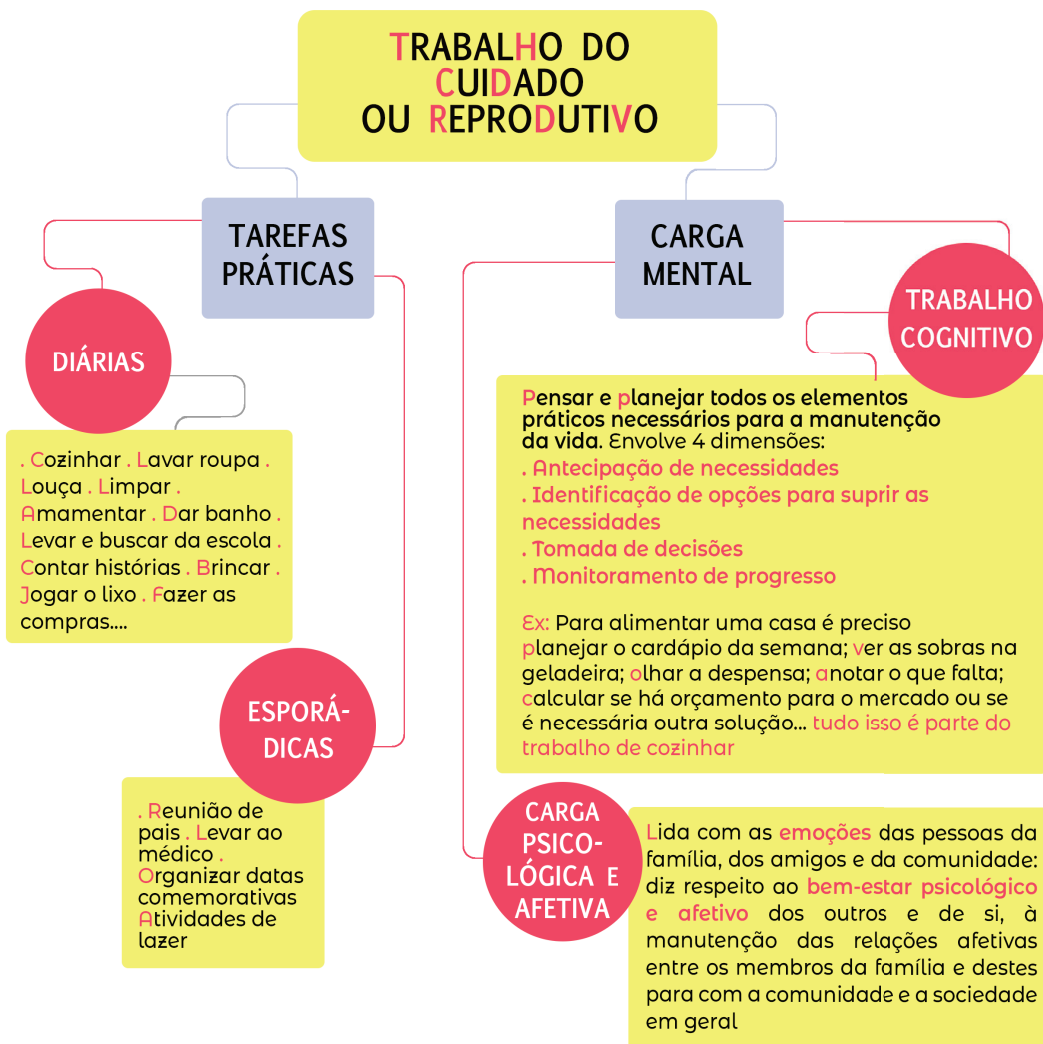


As **atividades domésticas e de cuidado** dos filhos e familiares, por sua vez, ficaram com **as mulheres**, geralmente **sem salário** ou com **remuneração muito baixa**. Ou seja, majoritariamente são as mulheres que realizam o que a economia chama de **trabalho reprodutivo** ou **reprodução social da vida**: as tarefas essenciais para nos manter vivos, com saúde, disposição e prontos para chegar ao trabalho ou escola todos os dias.



# É AFINAL, O QUE É O TRABALHO DO CUIDADO?

“É tudo aquilo que fazemos para manter, continuar e reparar nosso mundo, de forma que possamos viver nele tão bem quanto possível incluindo nossos corpos, nosso ser e nosso ambiente: é tudo o que buscamos para tecer a complexa rede de manutenção da vida” (CEPAL, 2010).



As tarefas de cuidado realizadas nos lares pelas mães, esposas, avós, irmãs e outras são historicamente consideradas como parte das atribuições femininas. Desde a infância, a sociedade passa para as meninas a ideia de que elas têm que casar e se tornar mães um dia, como se isso fosse obrigatório para mulheres, impondo até uma **maternidade compulsória**. Elas ficam fora do mercado, como se fosse algo “natural” as mulheres cuidarem das casas, sem receber salários e **sem que tais tarefas tenham sido consideradas trabalho** pelos economistas tradicionais e pela sociedade de modo geral.


Por isso, as tarefas de cuidado não remuneradas são invisíveis e desvalorizadas. No entanto, a capacidade feminina de gerar vidas e o seu trabalho doméstico produzem uma **mercadoria essencial para o capitalismo: os próprios trabalhadores**. Do ponto de vista da Economia, os e as trabalhadoras livres vendem sua força de trabalho no mercado, única mercadoria que têm a oferecer aos empresários em troca de salários. Mas ninguém come ou veste dinheiro; logo, **são as mulheres que produzem e mantêm a força de trabalho para as empresas**, mercadoria central no capitalismo do presente e das futuras gerações.



SOFTWARE PREINSTALADO?  
NÃO.

## Como surge o trabalho de cuidado remunerado?

As mulheres dos setores populares, principalmente negras, indígenas e pardas, **sempre realizaram trabalhos fora de casa**: nos engenhos, plantações, fábricas, no comércio e na casa de outras famílias, pois para elas não havia outra alternativa: fosse durante os mais de 300 anos de escravidão, fosse no período posterior à abolição, suas vidas e de suas famí-


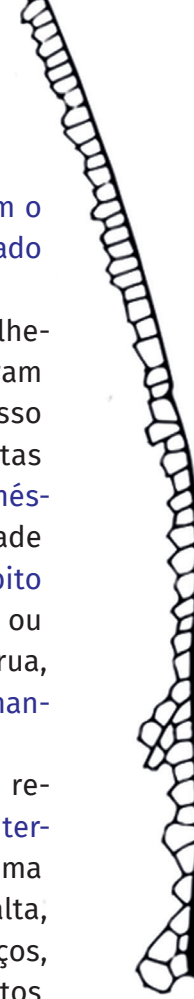


lias dependiam de seu trabalho. Assim, **essas mulheres acumulavam o trabalho de cuidado dentro da sua própria casa com aquele realizado fora**, muitas vezes, um trabalho de cuidado para outras pessoas.

Mais recentemente, em meados do século passado, muitas mulheres, entre elas também mulheres brancas e de classe média, passaram a buscar trabalho fora de casa para ter independência financeira. Isso provocou uma **grande mudança no mercado de trabalho**, pois muitas optaram por **contratar outras mulheres para cobrir as funções domésticas** que não tinham mais tempo de fazer, além de levar à necessidade da realização dos **demais trabalhos de cuidado para fora do âmbito familiar**: as crianças passaram a nascer em hospitais, a ir à escola ou creche cada vez mais cedo, as refeições passaram a ser feitas na rua, os idosos, a ficar em asilos, as roupas, compradas prontas etc.; **tornando-se assim trabalhos remunerados**.

Quer dizer, para **além das desigualdades de gênero**, o mercado remunerado de trabalhos de cuidado **é profundamente desigual em termos de raça e classe**. Geralmente, as famílias que podem pagar uma empregada doméstica ou babá são brancas e de classe média ou alta, enquanto as mulheres negras e pardas que prestam esses serviços, muito frequentemente são mal remuneradas e não têm seus direitos trabalhistas reconhecidos, além de serem sobrecarregadas com os trabalhos domésticos nos seus próprios lares.

Com a **transformação cultural** trazida pelo **feminismo**, os cuidados passaram a ser estudados e **vêm sendo parcialmente reconhecidos como trabalho** pela sociedade. A partir dos anos 1970 - 80, foram os **estudos feministas** que perceberam a **importância dos trabalhos de cuidado** e buscaram conhecer **seu impacto econômico**. Por isso, para autoras feministas como Cristina Carrasco, Silvia Federici e Maria Mies, a questão central é **caracterizar as trabalhadoras domésticas enquanto integrantes da força de trabalho explorada pelo capitalismo** e **conceituar as tarefas não remuneradas de reprodução da vida** (sobretudo aquelas realizadas por mulheres e meninas) **como trabalho**. Para construir alternativas, é fundamental criar a consciência de que **o trabalho doméstico das mulheres**, ainda que não seja remunerado e por isso desvalorizado, **gera riquezas e**



benefícios para a sociedade, para as empresas e também gera privilégios para os indivíduos, além de produzir o fundamental: a própria vida.



Emma Gasó

**A ECONOMIA DO CUIDADO** partiu então da identificação de dois tipos de trabalhos de cuidado nos dias de hoje: aqueles realizados de maneira não remunerada, majoritariamente nos lares por mulheres da família, e aqueles contratados e remunerados, que podem, por sua vez, ser divididos em formais e informais. Esse conjunto de trabalhos reprodutivos, sejam remunerados ou não remunerados, formais ou informais, compõem o trabalho do cuidado.





## 1. Trabalho de cuidado não remunerado

Um levantamento da OIT – Organização Internacional do Trabalho – estimou as horas não pagas gastas diariamente nas tarefas de cuidados em todo o mundo e calculou a quantidade de riqueza gerada por esse trabalho, caso ele fosse pago a um salário-mínimo globalmente estimado.



Fonte: ADDATI *et al.*, 2018

Para o sistema capitalista é fundamental que as mulheres continuem realizando esse trabalho de manutenção da vida de forma gratuita e invisível, pois ele se aproveita desse trabalho e essa é a forma de **transferir os custos da produção capitalista para a esfera doméstica**.

Esse trabalho reprodutivo invisibilizado não entra na contabilidade do PIB – Produto Interno Bruto. Muitos dos trabalhos, tais como o trabalho doméstico e o “trabalho” silencioso da natureza (dos ventos, da chuva, do sol, das marés...), são fundamentais para a vida, entre-



tanto não passam pelo mercado e por isso não entram nas contas públicas, ou seja, não contam como parte da riqueza produzida no país.

Esse trabalho reprodutivo não remunerado e invisibilizado apaga a possibilidade de o cuidado ser encarado como responsabilidade da sociedade e não apenas de cada mulher em sua casa. A responsabilização individual das mulheres pelo cuidado impede que políticas públicas de desenvolvimento social sejam

formuladas para superar desigualdades de gênero, raça e classe. Como temos visto, por exemplo, se o serviço básico de água encanada não chega nas casas, quem deixa de sair para trabalhar de forma remunerada para esperar a chegada da água na bica mais próxima?

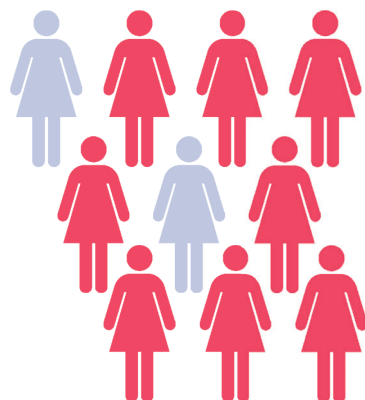
Esse trabalho reprodutivo desvalorizado é um dos principais motivos da violência doméstica exercida pelos homens, que continua sendo uma das formas através das quais os donos do poder e do capital, promovendo o machismo como forma de exercício do poder masculino, conseguem manter e espalhar esse controle para dentro dos lares. Assim, as mulheres casadas sem autonomia financeira viram reféns de relacionamentos abusivos por não terem como manter a si e a seus filhos, uma vez que seu tempo está todo investido em cuidar, e as que trabalham fora são cobradas pelo “abandono” dos trabalhos domésticos, sofrendo também violências com essa argumentação.

Esse trabalho reprodutivo tende a ser mais explorado, uma vez que ele acontece dentro de casa e não há uma organização política (como um sindicato) reunindo as mulheres prestadoras desses cuidados, nem uma figura específica, como um patrão, empresário ou governo, de quem se possa demandar pagamento ou melhores condições de trabalho. Por fim,

ele é um **trabalho contínuo**, não havendo folgas, feriados e muitas vezes, **nenhum momento de descanso**.

Esse **trabalho reprodutivo mal remunerado** provoca e multiplica o **endividamento das mulheres**. Nos últimos anos, com a importância crescente da financeirização de todos os aspectos da economia, as mulheres que carregam esse trabalho cotidiano nos lares têm-se endividado para dar conta de necessidades básicas, como alimentos, água, luz, gás etc.

Por tudo isso, é muito importante para o feminismo criar condições para aliviar essa carga de trabalho das mulheres, liberando-as para o trabalho remunerado, para outras tarefas sociais ou comunitárias, para o lazer e para o descanso. Veremos mais à frente como isso seria possível.

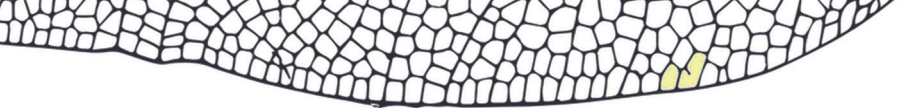


**No Brasil,  
8 em cada 10  
mulheres estão  
endividadas**

Fonte: Confederação Nacional do Comércio, 2022

## 2. Trabalho de cuidado remunerado

*Trata-se do trabalho que atende às necessidades cotidianas da manutenção da vida através de atividades remuneradas, seja no setor privado ou público, como babás, trabalhadoras domésticas, cuidadoras de idosos, cuidadoras em creches, merendeiras, enfermeiras etc. Este tipo de trabalho, ainda que tenha salário e certo reconhecimento social, continua sendo desvalorizado por estar associado a uma função “feminina”. Assim, tendem a ser trabalhos com salários mais baixos e em condições de maior precariedade.*




O Brasil, onde o trabalho doméstico nasceu ligado à escravidão, é atualmente o país que tem mais **trabalhadoras domésticas** do mundo. No início de 2020, elas eram cerca de 6,2 milhões de pessoas, das quais 92% eram mulheres e, dentre elas, 68% eram negras. É uma categoria profissional que ainda sofre inúmeras violências (não por acaso, até hoje em dia, um dos trabalhos mais denunciados por exercício em condições análogas à escravidão).

O **trabalho do cuidado remunerado representa 11,5% dos empregos globais**, e segue sendo realizado majoritariamente por mulheres, que ocupam as funções de menor status e salário, quando comparadas aos homens empregados no mesmo setor.

Por sua vez, as **políticas neoliberais** que têm sido implementadas nas últimas décadas **continuam impondo a privatização de inúmeros serviços públicos**, muitos dos quais facilitam os cuidados, como o **aceso a água e energia, transporte e moradia**, ou que fornecem cuidados diretos, como **creches e asilos**.

Ao mesmo tempo, frente à precarização e privatização dos serviços públicos, as classes média e alta recorrem a serviços privados, enquanto as classes populares não têm outra alternativa a não ser passar horas nas filas dos postos de saúde e enfrentar transporte público lotado. **Essas desigualdades de classe vêm misturadas às de gênero e raça**, e fazem com que as mulheres negras e pardas das classes populares sejam as mais prejudicadas pela individualização dos cuidados, na medida em que acumulam desigualdades.

**Por tudo isso, o Feminismo luta pelo reconhecimento e valorização social** dessas atividades e dessas trabalhadoras e por **políticas públicas que garantam cuidados universais, gratuitos e de qualidade** a todas e todos, (como creches em tempo integral, restaurantes populares e lares de idosos), promovendo **o direito ao cuidado**, por meio de uma rede pública de assistência, ou seja, incorporando outras esferas de responsabilização dos cuidados.



## Esferas do cuidado - quem cuida?



Ao longo da história, as mulheres sempre lideraram os cuidados nas esferas da família e da comunidade, e mais recentemente, como trabalhadoras do cuidado nos setores público e privado. A ideia de **Estado de Bem-Estar Social**, que surgiu por volta de 1945, ainda que não representasse a perspectiva feminista de uma sociedade cuidadora, **impulsionou políticas públicas que acabaram por diminuir a carga de trabalho não remunerado das mulheres por meio de serviços gratuitos**, como creches, saúde e transporte. Por sua vez, o **Neoliberalismo** é uma prática política de governo que **diminui os serviços públicos gratuitos e impulsiona serviços ofertados por empresas**, o que os torna inaceessíveis para grande parte da população.





## CRISE DOS CUIDADOS

A incapacidade das sociedades contemporâneas de garantir cuidados a todas e todos está associada, portanto, a esse modelo neoliberal de governo, tanto pela privatização de serviços públicos, quanto pelo aumento da exploração trabalhista, que gera diminuição de tempo disponível para o cuidado familiar. Ou seja, há cada vez menos serviços públicos com os quais as pessoas possam contar, menos gente para cuidar dentro da família e mais gente necessitando de cuidados (crescimento do número de idosos, surgimento de novas doenças etc.). E as sociedades buscam empurrar sobre as mulheres o que denominamos trabalho de cuidados compulsório.


Com a pandemia de Coronavírus, a crise dos cuidados se aprofundou, escancarando a crise: serviços públicos e privados de cuidados foram fechados, como escolas, asilos e abrigos, e a sociedade e os governos deixaram essa carga inesperada de trabalho extra para as famílias, leia-se para as mulheres, impactando diretamente suas vidas, aumentando a pobreza e a insegurança alimentar, o desemprego feminino, e com isso os despejos e remoções de mulheres e crianças.

### Quem paga a conta?

Vamos por partes... Austeridade significa agir com rigor, com controle. Quando se fala em austeridade fiscal, trata-se de controle e rigidez com relação aos gastos públicos. No entanto, os gastos públicos são formados principalmente por gastos com a população, ou seja, com serviços de saúde, assistência social, remédios da farmácia popular, creches, escolas e universidades etc. Assim, normalmente, diminuir gastos públicos significa menos empregos para implementação de ser-



Autor: Javierroyo



viços de atendimento à população e precarização ou até sucateamento dos serviços públicos. Ou seja, a austeridade é uma ideia que deriva da ideologia neoliberal que prega menos arrecadação de impostos, menos serviços públicos e mais serviços privados.

É a partir da ideia de austeridade e de diminuição do setor público na vida cotidiana que surgem as regras fiscais, como a **Lei do Teto de Gastos**, aprovada para restringir os gastos destinados à população, mas que garante recursos para o pagamento da dívida pública. Ou seja, ela afeta todas as áreas sociais. Entretanto, a dívida interna continua sendo paga aos bancos, favorecendo o capital financeiro, e impedindo o governo de realizar os gastos em serviços essenciais.



Sem acesso a direitos, serviços e assistência básica, são principalmente as mulheres cuidadoras que pagam a conta da austeridade contraindo dívidas para sobreviver, e conseqüentemente, aceitando trabalhos mal pagos e sem direitos para cumprir com o pagamento das mesmas.



## OLHANDO O MUNDO A PARTIR DO FEMINISMO: A VIDA NO CENTRO

O feminismo não é apenas um tema, e sim uma lente de visão; são óculos através dos quais olhamos para o mundo. A opressão das mulheres reside na exploração gratuita do trabalho doméstico e se expressa na cultura, nos hábitos, nos espaços pelos quais as mulheres podem ou não circular, e também na violência machista que busca nos impedir de sairmos deste lugar de opressão.

De fato, a economia tradicional que perpetua o atual sistema tem como objetivo a acumulação de capital e o benefício capitalista em mãos privadas. Já a **Economia Feminista propõe caminhar rumo a outra economia, em que o eixo central seja o bem-estar das pessoas e a própria sustentabilidade da vida.**



Por isso, o feminismo tornou visível a contribuição das mulheres para os lares, territórios e comunidades, pois elas são as tecelãs constantes da ação coletiva e do bem comum. Somos enfermeiras, donas de casa, catadoras, professoras, mães, e embora poucas sejamos lideranças, somos a maioria à frente dos movimentos sociais e ambientais. Por isso perguntamos: como reorganizar e redistribuir os trabalhos de forma equitativa e ecologicamente sustentável?

Depois do que vivemos com a pandemia, que visibilizou a centralidade dos cuidados, as políticas públicas devem reconhecer a importância fundamental do cuidado e das cuidadoras e cuidadores para toda a sociedade; além de co-responsabilizarmos homens e mulheres por sua realização.

Precisamos com urgência que a vida seja colocada com centralidade na sociedade e na economia, e que o cuidado não seja valorizado apenas enquanto produtor da força de trabalho para as empresas, mas sim, enquanto atividade principal das vidas humanas. Que os homens assumam os trabalhos dos cuidados, mudando a si próprios para enxergar a alegria que o cuidado compartilhado pode proporcionar, ajudando a afastá-los das perspectivas violentas de domínio da natureza e de outros seres humanos, e contribuindo a reproduzir a vida com afeto e solidariedade, ambos geradores de laços comuns acima do individualismo. Assim, o feminismo traz uma luz de perspectiva porque questiona a forma como atualmente se produz a vida num sistema dominado pelo lucro e não com a Vida no Centro, e o Cuidado como um bem comum do qual todas as pessoas dependemos.

Precisamos também buscar superar o sistema capitalista rumo a uma vida que respeite a Natureza e inclua os cuidados a partir de práticas alternativas coletivas, cooperativas e ecológicas, muitas delas já realizadas pelas mulheres.



NÃO à mercantilização e à financeirização da vida.  
SIM à divisão do trabalho de cuidados entre mulheres e homens,  
com o apoio da sociedade e do Estado.  
Por um Plano Nacional de Políticas de Cuidado.  
Por uma sociedade ecofeminista e cuidadora!

## Fontes

**ADDATI, L. et al.** Care work and care jobs for the future of decent work. International Labour Organization (ILO). Junho de 2018. Disponível em: [https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS\\_633135/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--en/index.htm)

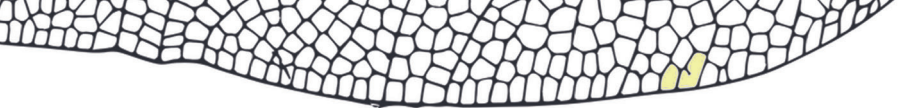
**BRASIL DE FATO.** *Federação das Trabalhadoras Domésticas cobra prioridade na vacinação contra Covid.* Maio de 2021. Disponível em: <https://www.brasil-defato.com.br/2021/05/05/federacao-das-trabalhadoras-domesticas-cobra-prioridade-na-vacinacao-contr-covid>.

**CONFEDERAÇÃO Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.** Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC). Março de 2022.

**FISHER, B.; TRONTO, J.** Toward a Feminist Theory of Care. In: *Circles of Care: Work and Identity.* Em: *Women's Lives.* Ed.: ABEL, Emily e NELSON, Margaret. Albany: SUNY Press, 1990.

### Para saber mais sobre os cuidados, consulte:

- Bila Sorj. Género, raza y clase en las políticas de cuidado: licencia maternidad y paternidad en Brasil. In Karina Batthyány (org.). *Miradas Latinoamericanas a los cuidados.* Buenos Aires: Clacso, Ciudad de México: Siglo XXI, 2020, v.1, p. 235-242.
- Cristina Carrasco Bengoa; Cristina Borderias Mondejar. *El trabajo de cuidados: historia, teoría y políticas.* Ed. La Catarata, 2019.
- Hildete Pereira de Melo; Lucilene Morandi. *Cuidados no Brasil: Conquistas, legislação e políticas públicas.* Friedrich Ebert Stiftung. Dezembro de 2020.



Silvia Federici. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

- Soledad Salvador. Estudio comparativo de la “economía del cuidado” en Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Uruguay. Red Internacional de Género y Comercio - Capítulo Latinoamericano. Outubro de 2007.

## Ficha técnica

### AUTORAS

*Graciela Rodriguez*

*Isabela Callegari*

*Lucía Santalices*

*Marina Cortez*

### IMAGENS

*Agradecemos aos artistas, [Javirroyo](#) e [Trino](#), pela criatividade e lucidez*

### CAPA E ARTE

*Lucía Santalices*

### REVISÃO

*Lucía Santalices*

*Marina Cortez*

### PRODUÇÃO EDITORIAL

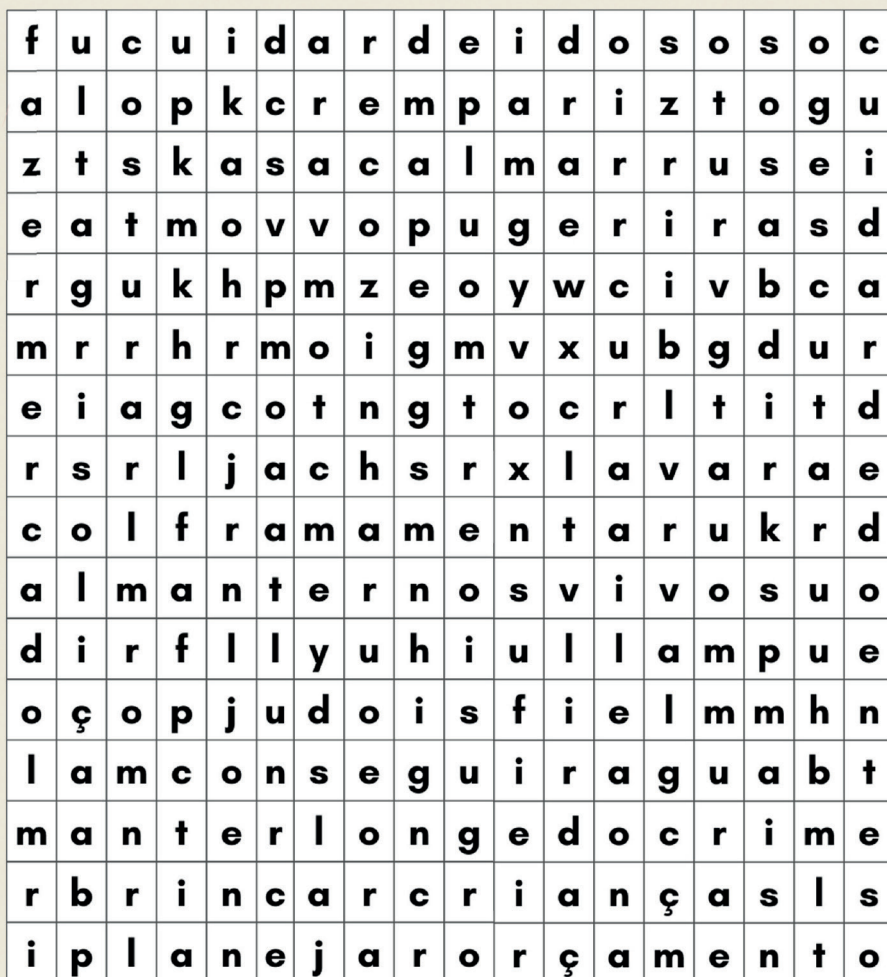
*Letra e Imagem Editora*





# CAÇA-PALAVRAS

## enxergue os cuidados



Você consegue encontrar no caça-palavra os 15 trabalhos de cuidado citados na caixa abaixo?

Cozinhar . Escutar . Acalmar . Costurar . Lavar .  
Amamentar . Cuidar de doentes . Gerir . Cuidar de  
idosos . Manter longe do crime . Brincar (com as)  
crianças . Manter-nos vivos . Fazer mercado .  
Conseguir água . Planejar orçamento

